

## Apresentação

O corpo, uma das categorias relevantes nas discussões feministas, tem se tornado crescente foco de atenção da produção acadêmica, estimulando estudos orientados pelas mais diversas abordagens: exploram-se as maneiras como os corpos são moldados por formas de poder, discute-se como os impactos da mercantilização os fragmentam. As reflexões contemporâneas sobre corpo e corporalidade integram-se, porém, num amplo campo de discussões. Ainda que manifestem o interesse por gênero, concedendo uma atenção crescente (e crítica) aos escritos de autoras feministas, como Emily Martin e Judith Butler. Esse debate, essas discussões estão longe de restringir-se ao debate feminista. Esta edição do *Cadernos Pagu* propõe abrir espaço para estudos que, somando-se a essas reflexões, contestando-as e/ou traçando caminhos alternativos e inteiramente divergentes contribuam para explicitar relações entre corpo, corporalidade e gênero.

Segundo alguns autores, que ganharam bastante visibilidade nos anos 90, o corpo “emerge”, nas duas últimas décadas, como uma das categorias centrais da teoria social e cultural, quase ocupando o lugar de categorias mais coletivas, tais como sociedade, ou cultura.<sup>1</sup> Essa afirmação deve ser, no entanto, problematizada. Sem negar inovações conceituais presentes nas discussões atuais<sup>2</sup>, é necessário levar em conta que esse debate faz parte de uma longa e ampla linha de estudos, na qual se integram

---

<sup>1</sup> Nesse ponto, Terence Turner é particularmente taxativo. Ver: TURNER, Terence: Social Body and Embodied Subjects: Bodiliness, Subjectivity and Sociality among the Kayapo. *Cultural Anthropology*, vol. 10, n° 2, 1995, p.143.

<sup>2</sup> Para balanços críticos dessas discussões ver: STRATHERN, Andrew e LAMBECK, Michael. *Bodies and persons. Comparative perspectives from Africa and Melanesia*. Cambridge University Press, 1998; VALE DE ALMEIDA, Miguel: Corpo Presente. In: *Corpo Presente, Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Celta, Oeiras, 1996.

## Apresentação

tradições filosóficas, sócio-antropológicas e o pensamento feminista. No que se refere a este último, diversas correntes contemporâneas alertam para os problemas suscitados pelas leituras feministas “clássicas” que, compartilhando o pressuposto de uma identidade comum das mulheres baseada na biologia e na opressão resultante de uma cultura masculina, concediam ao corpo – considerado centro de onde emana e para onde convergem desigualdade e opressão sexual – um lugar privilegiado.

Contestando as tentativas de traçar causas originais da dominação masculina, a elaboração de categorias políticas binárias (opressores/oprimidas, vilões/vítimas), visando explicações de validade universal e, sobretudo, de modo a questionar a separação racionalista entre natureza e cultura, as análises feministas atuais continuam privilegiando o corpo. Nessas abordagens, o corpo, considerado central na reprodução e transformação da cultura, *locus* através do qual “agem” e no qual se inscrevem as estruturas de gênero, não deve mais ser pensado – tomando emprestados termos de Donna Haraway – como “meio passivo no qual se inscrevem os significados culturais” (incluindo as inscrições do discurso biológico).<sup>3</sup> Ao contrário, os corpos adquirem *agency* – capacidade de ação.<sup>4</sup> E eles devem ser apreendidos através de recursos analíticos que, desessencializando radicalmente a diferença sexual, possibilitem mostrar essa “capacidade”: teorias da corporificação (ou incorporação), teorias da *performatividade*. E se gênero faz invariavelmente parte do horizonte de preocupações presentes nesse referencial teórico, nem sempre é clara a maneira como as características

---

<sup>3</sup> HARAWAY, Donna. *Simians, cyborgs, and women. The reinvention of nature*. Routledge, New York, 1991, p.200.

<sup>4</sup> Vale assinalar que essa capacidade de ação é avaliada de maneira crítica por alguns autores. Andrew Strathern chama a atenção para o fato de que, embora os corpos possam ter *agency*, os agentes são as pessoas corporificadas. STRATHERN, Andrew e LAMBECK, Michael. *Bodies and persons*. Op. cit., p.25.

consideradas femininas e masculinas são “feitas”<sup>5</sup>, e/ou operacionalizadas na produção/materialização desses corpos.

Considerando a importância de pensar nas possibilidades (e limites) oferecidas pelas diferentes abordagens que tratam de corpo e corporalidade, o *Cadernos Pagu* propõe enfrentar essas questões a partir de diferentes perspectivas disciplinares e aproximações teóricas.

Na seleção dos textos para a publicação estabelecemos como estratégico contemplar um leque diversificado de abordagens – reflexões teóricas discutindo corpo, corporalidade e gênero; textos etnográficos em que o tema vai sendo tratado na economia das descrições e análises; ensaios e reflexões críticas.

Os artigos de Henrietta Moore e de Elizabeth Grosz, vinculados a diferentes tradições disciplinares, introduzem problemas teóricos direta ou indiretamente tratados nos textos etnográficos e nos ensaios que se seguem.

Henrietta Moore, a partir das relações entre identidade de gênero e discursos de gênero, expõe idéias e polemiza, numa abordagem antropológica, as articulações entre construções analíticas e vividas, estrutura e práxis, institucionalização e mudança social. Toda a abordagem sobre o corpo vai fazendo sentido nessa discussão mais ampla (que inclui também a categoria raça) e, sobretudo, na relevante contribuição que a autora faz ao debate sobre a violência interpessoal. Elizabeth Grosz, uma autora considerada “clássica” na produção feminista sobre corpo, oferece uma leitura crítica dos efeitos da conceitualização dos modos de corporalidade nas correntes

---

<sup>5</sup> Dizemos “feitas”, propositalmente, aludindo às formulações de Judith Butler, autora para a qual gênero é um “fazer”, a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos “*performáticos*”, no sentido da construção contingente de significados, desenvolvidos em um marco regulador altamente rígido, que se congela no tempo produzindo a aparência de uma substância. BUTLER, Judith: *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge, New York, 1990, pp.134-139.

## Apresentação

filosóficas e feministas e um levantamento competente das discussões contemporâneas sobre corporalidade e gênero.

Escolhemos cuidadosamente escritos etnográficos: eles são a expressão do vigor analítico e das inovações nesse campo temático. Marta Savigliano trata das idiosincrasias que transpassam as descrições etnográficas e discute questões concernentes ao corpo, a partir de sua imersão e experiências com o tango, em Buenos Aires. Milongas, dançarinos, corpos, vestes, gestualidades – aspectos que vão constituir material para ser decifrado e, simultaneamente, tomado como ponto de partida para um intrigante diálogo com Julio Cortázar. Miguel Vale de Almeida apresenta notas de pesquisa sobre corpos marginais. Através de imagens de figuras humanas veiculadas nas páginas policiais e outras expostas nas colunas sociais, o autor salienta os indícios de gênero, cor, posição social, abrindo a possibilidade para discutirmos a elaboração de representações de diferentes tipos sociais.

Luiz Cláudio Duarte aborda o tema da virgindade feminina. Analisando processos por crime de sedução nas décadas de 60 e 70, ele contribui para a discussão sobre gênero, corpo e representações no universo judiciário e nos depoimentos dos envolvidos nesses casos. Elisiane Pasini apresenta uma rica descrição sobre o simbolismo corporal envolvido na prostituição feminina, resultante de pesquisa com prostitutas de rua de São Paulo. Simone Frangella, seguindo a mesma trilha, discorre sobre os limites, fronteiras e implicações da experiência corporal de meninas e meninos de rua, a partir de pesquisa feita em Campinas. O texto de Denise Bernuzzi de Sant’Anna “arremata” esse bloco mais etnográfico, apresentando um balanço das várias influências analíticas sobre o corpo na atualidade.

A sessão “Gênero, Corpo em Poesia” é aberta com o texto de Maria Lúcia Dal Farra, examinando temas como espaço doméstico, sexualidade e condição feminina na obra poética de uma plêiade diversificada de autoras: Florbela Espanca, Gilka Machado, Cecília Meireles, Zila Mamede, Adélia Prado e Paula

Tavares. As notas de Haqira Osakabe sobre os poemas de Álvaro Pinto Sobrinho “fecham” de modo brilhante e comovente a seqüência de artigos desse número de nossos cadernos. O autor deslinda sentidos nos poemas, a partir do sujeito que os enuncia. Ao fazê-lo, mostra como nesses sentidos a relação com gênero é funda.

As resenhas de dois livros centrados em imagens corporais na medicina completam a diversidade de abordagens sobre o corpo presentes em *corporificando gênero*. O estudo do médico ginecologista Gerard Zwang, *O sexo da mulher*, analisado por Margareth Rago e a resenha de Rosana Orio sobre *The visible woman*, uma instigante coletânea, organizada por Paula Treichler, Lisa Cartwright e Constance Penley, centrada na aplicação e recepção de diferentes tecnologias por imagem que convergem em dar visibilidade ao corpo humano, alargam o leque de questões suscitadas pela temática.

Concluimos esta apresentação agradecendo as contribuições dos autores/as e pareceristas, o competente trabalho dos tradutores e a colaboração, o apoio, as sugestões e críticas das diversas pessoas que se envolveram na preparação deste número, particularmente Mariza Corrêa, Jeanne Marie Gagnebin, Suely Kofes e Laymert Garcia dos Santos.

Adriana Piscitelli e Maria Filomena Gregori